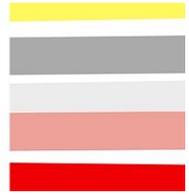


AFLUENTE:
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



O ROMANTISMO EM *GUPEVA*, DE MARIA FIRMINA DOS REIS:
UMA LEITURA HERMENÊUTICA

*THE ROMANTISM IN GUPEVA, BY MARIA FIRMINA DOS REIS:
A HERMENEUTIC READING*

Profa. Ma. Joseylza Lima Silva
Universidade de Santa Cruz do Sul
joseylza.lima@ifma.edu.br

Profa. Dra. Eunice Terezinha Piazza Gai
Universidade de Santa Cruz do Sul
piazza@unisc.br

Resumo: O artigo apresenta uma leitura do texto *Gupeva*, de Maria Firmina dos Reis, a partir de uma perspectiva hermenêutica. Busca enfatizar as relações desse romance indianista com o Romantismo, bem como com o poema épico de Santa Rita Durão, o *Caramuru*. A narrativa de Maria Firmina dos Reis, publicada em 1861, está situada temporalmente no período romântico, mas faz-se necessária uma escuta das vozes que a compõem para perceber como a ideologia da época perpassa a obra. A autora afirma-se como mulher que sofre os condicionamentos da sociedade contemporânea a ela, mas se engaja nos movimentos sociais de seu tempo em busca de novos horizontes. Os estudos hermenêuticos são embasados nas ideias de autores como Alfredo Bosi, Richard Palmer, entre outros.

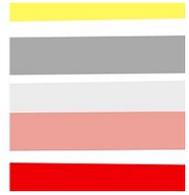
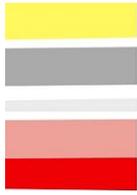
Palavras-chave: Romantismo; Hermenêutica; Maria Firmina dos Reis; *Gupeva*.

Abstract: *The article presents a reading of the text Gupeva, of Maria Firmina dos Reis, from a hermeneutical perspective. Seeking to emphasize the relations of this novel indianista with Romanticism, such as the epic poem of Santa Rita Durão, Caramuru. The narrative of Maria Firmina dos Reis, published in 1861, is situated in the romantic period, but temporarily it is necessary a listening to the voices that compose it to realize how the ideology of the time pervades the work. The author is stated as a woman suffering the constraints of society her contemporary, but engages in social movements of your time in search of new horizons. The hermenêuticos studies are based on the ideas of authors such as Alfredo Bosi, Richard Palmer, among others.*

Keywords: *Romantism; Hermeneutic; Maria Firmina dos Reis; Gupeva.*

1 Maria Firmina dos Reis

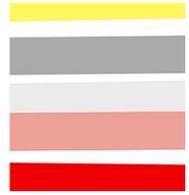
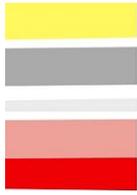
Maria Firmina dos Reis (1822 – 1917), ilustre e expressiva figura feminina maranhense, pode ter sua biografia apresentada de forma poética e intensa, ao considerar que ela se atreveu, em um período de transformações sociais, culturais e econômicas, a projetar-se de uma realidade de vida em que era mulher, negra, pobre, filha bastarda e nordestina, através da sua escrita, ideologia e postura, para um enredo social em que o homem, branco, abastado e culto imperava com suas regras patriarcais.



Romancista, contista, poetisa, professora, autora de inúmeros hinos abolicionistas, charadas e cânticos, dentre outras atividades realizadas por Firmina, que a fazem mulher de grandes atributos, a autora de *Gupeva*, romance indianista, é retratada, de acordo com as palavras do pesquisador e historiador, Nascimento Moraes Filho (1975), como aquela que foi lida e aplaudida no seu tempo, mas como que amnésia coletiva, totalmente esquecida: nome e obra, por mais de cem anos. Dentre luz e escuridão, em relação a ser vista e ser ignorada pela sociedade e pelo cânone literário, Maria Firmina dos Reis viveu 92 anos, produzindo e publicando obras literárias; colaborando com a educação da cidade de Guimarães – MA, onde viveu grande parte de sua vida; e, deixando um legado de representatividade feminina, luta e resistência, que não eram propícias aos papéis que a sociedade imputava à mulher, principalmente, mulheres como Maria Firmina dos Reis.

A sociedade oitocentista era construída sob base patriarcal e estratificação social, que delegava a homens, mulheres, brancos, negros, pobres, ricos, legítimos e bastardos, condições diferenciadas. A manifestação literária brasileira, neste período, é a romântica, com produções calcadas em questões e sentimentos nacionalistas. É neste contexto histórico e social que Maria Firmina dos Reis propõe-se a trilhar no século XIX, o caminho de escritora. Mesmo a autora estando à margem de toda e qualquer categoria que respaldasse status social e com um quadro adverso à produção literária feminina, Firmina rompe com as tradições e faz-se presente com sua escrita engajada nos problemas sociais.

Dado o contexto histórico e literário do século XIX em que as mulheres manifestavam, através da sua escrita, uma visão limitada de mundo, o mundo a qual pertenciam, Firmina destaca-se por adentrar no mundo da escrita masculina, tratando de assuntos, que via de regra, não dizia respeito à mulher. As condições para a produção literária feminina no Brasil, do século XIX, não eram favoráveis, pois, as questões sociais, políticas e morais delegavam às mulheres que se propunham à escrita literária, apenas assuntos relativos à própria mulher, ou à vida doméstica. Maria Firmina dos Reis, porém, contrapõe todas as circunstâncias e desafia os parâmetros sociais e literários, ainda que de maneira tímida, produz uma literatura enraizada em uma ideologia libertária e humanizante.



2 Romantismo

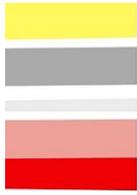
Situado temporalmente entre os últimos suspiros da aristocracia do século XVIII e a nascente sociedade urbanista, industrial e científica do século XIX, o romantismo emerge diante de um quadro em que o Ocidente, de forma geral, passa por profundas transformações. Mas, que com singularidades apresenta características peculiares a cada região onde se desenvolveu. Citelli caracteriza o ambiente romântico desta forma:

As personagens românticas irão transitar dos salões ornamentados pelos padrões de uma cultura clássico-aristocrática para o excesso de fumaça, fogo e suor saídos das fábricas burguesas, símbolos ao mesmo tempo da glória e do poder de uma classe e da miséria de milhares de trabalhadores. (CITELLI, 1986, p.14)

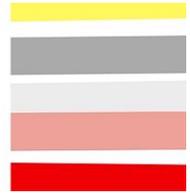
Foram as grandes transformações na Europa e América, que advindas das revoluções, gestaram o rico movimento romântico. Enfatiza-se que tanto na Europa, berço do romantismo, quanto nas Américas, por onde o romantismo estendeu-se, o movimento literário carregava características gerais da estética, além de ser suplementado com as singularidades de cada nação. Visto como um misto entre ordem e caos, o romantismo é expressão das circunstâncias históricas, avanços econômicos e retrocessos sociais.

O período histórico e literário entre 1825 e 1917, em que se localiza a existência e produção de Maria Firmina, é também o momento em que se situa a independência literária do Brasil. O Romantismo é costumeiramente delimitado por críticos e estudiosos da literatura, como movimento que nasceu e se estendeu entre os anos de 1836 a 1881, reconhecido também, pelo momento que se conquistou a liberdade de pensamento e de expressão, de maneira que a literatura brasileira saiu de uma situação indefinida, misto de uma decadência neoclassicista, iluminismo revolucionário e exaltação nativista, para uma manifestação com vertentes na poesia, no teatro e na prosa, na qual reúnem grandes poetas e prosadores.

Em paralelo à revolução literária que ocorria no país, outras mudanças também aconteciam, agora, em cenário social e político, de natureza claramente revolucionária, pois seguiu o processo de Independência do Brasil. A ascensão da burguesia, graças às atividades comerciais, de profissões liberais, intelectuais e políticas; a presença da Corte portuguesa; o movimento de Independência; o período de Regência. Todos esses movimentos põem em evidência o significado do Romantismo na literatura e na cultura brasileira. Destarte, o



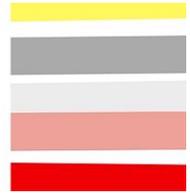
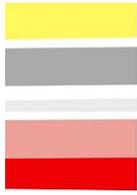
AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



Romantismo no Brasil configura-se a partir da ideologia burguesa, do subjetivismo, sentimentalismo, evasão, nacionalismo, entre outros traços que irão marcá-lo. Características que, com formas, temas e tonalidades nacionais concretizaram a autonomia do movimento Romântico brasileiro e, acima de tudo a consciência de uma literatura que atinge sua independência.

Sem a pretensão de pontuar temporalmente o trabalho da autora em questão com o movimento romântico, mas com o intuito de perceber na sua escrita, traços do romantismo, tem-se a necessidade de abordar algumas questões românticas para que mais à frente seja possível, a partir de *Gupeva*, mostrar que Maria Firmina dos Reis era conhecedora e leitora da produção literária de seu tempo, ou seja, partilhava dos ideais românticos que estavam sendo cultuados. Isso significa que sua obra apresenta uma cosmovisão alinhada aos mais importantes princípios vigentes e representativos da intelectualidade brasileira da época. Desta forma, interessa, neste artigo, a geração romântica inaugural no Brasil, conhecida como a primeira geração, que marcada pela Independência do Brasil tem na exaltação dos elementos da nova Nação a configuração da produção literária. Elementos como a natureza, a identidade nacional e os indígenas foram realçados neste primeiro momento, que também ficou conhecido como nacionalista.

Maria Firmina do Reis era uma mulher do seu tempo, conhecia a estética romântica, estava a par da mentalidade que se encontrava em ebulição. Desta forma, necessita-se pontuar os traços que evidenciam o espírito romântico neste período histórico: uma maneira subjetiva de ver e entender o mundo, em especial as relações humanas e os papéis dos indivíduos naquela sociedade que passava por transformações; uma imaginação criadora, os românticos revelavam em seus escritos uma capacidade de criar novos mundos e acreditar neles, era uma maneira de fugir da realidade circundante; o subjetivismo, que é uma das principais características do Romantismo, o escritor desvela a realidade a partir de seu ponto de vista; a evasão ou o escapismo, no qual o escritor busca a fuga para o mundo imaginário criado por ele, que pode ser no passado ou no futuro, há ainda a caracterização do mundo sonhado e do mundo real; o senso do mistério também é uma característica, tendo em vista que o romântico, de acordo com sua visão pessoal apresenta-se envovido pelo sobrenatural e pelo terror; o reformismo, sonho, fé; culto à natureza, exagero; a idealização da mulher, que o escritor romântico via como um ser angelical, uma figura podersa, inatingível, capaz de mudar a vida do homem.



3 *Gupeva*

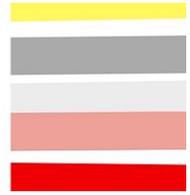
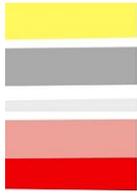
3.1 Uma leitura hermenêutica

Hermenêuticos contemporâneos a nós afirmam que essa teoria pode e deve ser utilizada como fonte de interpretação para todo e qualquer texto, o que inclui as obras literárias. Por ser essencialmente estudo da compreensão, tarefa de compreender textos, a hermenêutica tem como ponto central a decifração da marca humana em uma obra. Os estudos de literatura, melhor dizendo, a interpretação do texto literário encontra-se em um modo analítico em que a obra é tratada como um objeto científico, assim, há um distanciamento entre obra, autor e leitor. É essa condição de prática interpretativa que respalda este estudo da compreensão dos significados histórico e humanístico que a obra literária encerra. Desta forma, Palmer reporta-se ao assunto:

A interpretação literária de um modo geral é ainda essencialmente encarada como um exercício de «dissecação» conceptual (é uma imagem biológica) do objeto (ou «ser») literário. É claro que como este ser ou objeto «estético», pensamos que dissecá-lo é sempre muito mais «humanizante» do que dissecar um sapo num laboratório; no entanto, a imagem do cientista, que isola um objeto para ver como ele é feito, tornou-se o modelo dominante na arte da interpretação (PALMER, 2011, p.18)

As obras literárias devem ser vistas não enquanto objetos de análise científica, dissecadas como componentes biológicos; mas como textos que falam, que foram criados por seres humanos. A compreensão de uma obra literária não é, portanto, uma forma de conhecimento científico em que foge da existência humana para o mundo dos conceitos; é um encontro histórico que recorre ao ser humano no mundo e às suas experiências de vida, que se constituem em forma de conhecimento, que proporcionam ao leitor a percepção de si, da cultura, das crenças, de tudo que engloba a vida humana.

É, contudo, a hermenêutica que, definida como o estudo da interpretação das obras humanas, transcende as configurações linguísticas do texto em busca do sentido que ultrapassa a superfície e as formas simbólicas. Neste sentido, aponta-se para uma leitura literária do texto a partir da perspectiva hermenêutica. Pois é uma leitura de expressões e, não uma decomposição de materiais biológicos. A postura hermenêutica diante do texto propiciará ao leitor uma possibilidade diferenciada de aprendizagem, tendo em vista que o texto sairá de



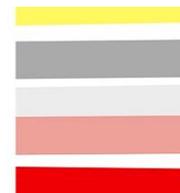
uma posição estática, fora do mundo e contido apenas no interior da obra e, passará a fazer parte da vida do leitor, mobilizando diversas formas de conhecimentos que a obra literária é capaz de produzir. É neste sentido de interpretação que se propõe a leitura do romance *Gupeva*, considerando a busca da resposta de: o que este texto quer dizer?

3.2 A obra em si

O romance *Gupeva* apesar de não ter sido publicado como livro ou compilado a outras obras da autora, tornou-se conhecido a partir de três edições em folhetim, em um curto período de tempo, fato que comprova a vivacidade da obra e o reconhecimento da autora neste período. Em 1861, pela primeira vez, no jornal literário O Jardim Das Maranhenses, do qual Firmina era colaboradora assídua, como poetisa e contista. À primeira publicação seguiram as republicações em 1863 e 1865, respectivamente, nos jornais Porto Livre e Eco Da Juventude, ambos de circulação estadual. O romance curto ou “romancete”, como designado pela crítica contemporânea à Maria Firmina, não tem uma referência certa de qual gênero faria parte, parece, por vezes, mais um conto que um romance, no entanto, será tratado como romance, pois assim o considerou a autora.

A riqueza da obra *Gupeva* só é posta à prova a partir de sua leitura. Mulher digna de todos os adjetivos conferidos a ela, como supracitado. Chama atenção sua escrita erudita, postura intelectual e criatividade, visto que, a partir da leitura de sua narrativa, o leitor depara-se com a agradável surpresa de encontrar em *Gupeva*, uma alusão literária ao *Caramuru*, de Santa Rita Durão. O poema épico escrito em 1781, que enreda o descobrimento do Brasil, pelo português Diogo Álvares Correia, o Caramuru, na metade do século XVI, retrata os ritos, tradições dos indígenas, bem como, as questões políticas da colônia.

A compreensão do romance de Maria Firmina não está relacionada com a leitura do livro *Caramuru*, contudo, vale ressaltar que *Gupeva*, personagem homônimo da obra de Maria Firmina, é também, personagem de Santa Rita Durão que inspira a autora na composição de seu romance, é um indígena cacique da tribo dos tupinambás e noivo de Paraguaçu, mas apaixonado por Épica. Como dama de companhia, Épica, teria viajado com Paraguaçu e Caramuru, enquanto jovens, para a Europa e ao retornar ao Brasil, a companheira de Paraguaçu casa-se com *Gupeva*, no entanto, grávida de um conde francês.



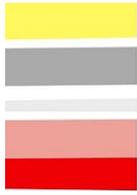
É a partir deste contexto que o romance *Gupeva* narra a história de amor e desgraça entre o Primeiro Tenente do navio Infante de Portugal, Gastão, com Épica, filha ilegítima do indígena Gupeva, que herdara o mesmo nome de sua mãe. Gupeva, ainda que envergonhado, cria a filha ilegítima e guarda o segredo sobre a verdadeira filiação, mas vê-se obrigado a revelar os motivos de sua vergonha diante de todos, ao perceber que os fatos poderiam repetir-se com sua filha bastarda. O romance de Maria Firmina tem como desfecho a morte de Gastão, Épica e de Gupeva.

Considerando a necessidade de apresentar e adjetivar as personagens desta narrativa, ressalta-se que os principais nomes que figuram no enredo são: Gupeva, Épica – mãe, Gastão, Épica - filha e Alberto, contudo, pontua-se que não serão caracterizados individualmente, mas de forma que se possam conceber as personagens além da reprodução de seres vivos. As personagens serão notadas como modelos humanos que identificam a virtude, a moralidade, a cultura, o caráter e a tipificação dos papéis sociais desempenhados por elas.

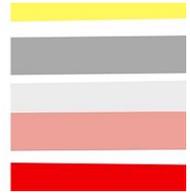
Gupeva, pai de Épica, é identificado como um grande guerreiro da tribo dos tupinambás tem sua descrição psicológica como homem correto, apaixonado, protetor, corajoso. Entretanto, vingativo quando tem sua honra ofendida, característica que o aproxima do herói romântico, já que, movido pelo rancor, ataca o jovem Gastão a ponto de matá-lo.

Gastão é um francês que ocupa o cargo de primeiro oficial da Marinha. Apaixonado por Épica, o jovem é descrito fisicamente como um homem belo com grandes olhos negros, de talhe esbelto e juvenil. A singularidade do jovem moço está presente na sensibilidade, é um homem apaixonado e sonhador, que sente intensamente o amor e sofre com a possibilidade de não poder vivenciá-lo; o romantismo do jovem é tão pujante que a morte lhe parece mais agradável que a vida sem amor.

Diferente da definição de Gastão, o amigo do mancebo apaixonado, Alberto é um moço jovem de nacionalidade portuguesa, coração rude, que privilegia sua posição social e a razão a se entregar aos devaneios do amor, ou aventura amorosa, pois, assim, ele trata a relação entre um europeu e uma indígena brasileira. Alberto é tipificado como o colonizador que vê a terra colonizada e seu povo como objetos de exploração. No diálogo que segue pode-se observar os perfis de Gastão e Alberto:



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



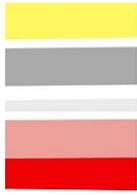
- Que me importa a mim tudo isso, Alberto, acaso isso pode indenizar-me da dor de perdê-la? Alberto, tu não és francês, o teu clima cria almas intrépidas, corações fortes, ou rudes ardendo sempre mas em fogo belicoso: o sangue que herdastes de teus avós gira em teu peito com ambição de glória, de renome; são nobres as tuas ambições, eu as respeito; porém as minhas são destruídas de toda a vaidade... Para que me falas de grandeza deste mundo? Alberto, eu as desprezo, se não forem para repartir com ela. (REIS, 1975, s/p)

As duas personagens, mãe e filha, que respondem pelo nome de Épica, em uma visão ampla, têm a mesma caracterização: são belas, puras, angelicais, verdadeiras visões celestiais de mulheres. Na visão de Alberto, a indígena brasileira é descrita como mulher selvagem, sem nascimento e sem prestígio, conquanto, o que prevalece, no romance, é a concepção de candura, inocência e singeleza. Épica, a filha de Gupeva, chega a ser para Gastão, superior às filhas “vaporosas da velha Europa”. Nesse sentido, percebe-se a caracterização de Épica, aos olhos do amante, ao descrever a bela moça para seu amigo Alberto:

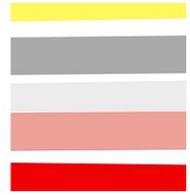
No seu rosto, Alberto, se revela toda a candura da sua alma, e toda a singeleza dos costumes inda tão virgens da inculta América. Onde está, pois o meu crime em adorá-la? Seus grandes olhos negros de doçura inexprimível falam à alma com suavíssima poesia: são harpejos da lira harmoniosa, ou notas de anjos em torno do Senhor. E esses olhos seu exprime um quê de indizível pureza que obriga a adorá-la, como se adora a Deus. (REIS, 1975, s/p)

O romance é iniciado com a descrição de uma bela tarde de agosto nas terras do norte, na Bahia, onde estava ancorado na Baía de Todos os Santos, o navio que trazia o jovem oficial Gastão, o mancebo apaixonado. O oficial é apresentado pelo narrador como desesperado, ansioso e frenético. Tal caracterização ocorre pelo fato de o navio ter aportado em Salvador para deixar o donatário daquela capitania, Francisco Pereira Coutinho e, no dia seguinte, estar partindo para o Tejo. O desassossego de Gastão era provocado pela paixão que sentia pela indígena brasileira; sua partida programada para o dia seguinte; e, a incerteza diante da concretização deste amor.

Gastão é insistentemente aconselhado por seu amigo Alberto, também oficial da Marinha, para que abra mão de viver a relação amorosa, tendo em vista que Gastão e Épica são pessoas de classes sociais e culturas distintas. O mancebo, a contragosto de seu conselheiro, resolve deixar a embarcação para encontrar-se com Épica na madrugada daquele mesmo dia, em meio à mata. A descrição daquela noite, pelo narrador, no romance, parece prenunciar os fatos que ocorreriam:



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



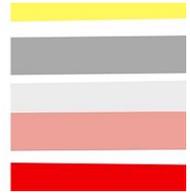
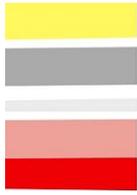
E aquela bela tarde sucedeu uma noite escura e feia. A atmosfera estava baixa, e carregada, as nuvens ameaçavam tempestade. O mar quebrava-se raivoso nas praias, e o vento gemia nas solidões das matas. Entanto, Gastão ébrio de prazer, acabava de transpor o pequeno lençol movediço, o que o separava da terra, dessa terra querida, onde ia encontrar em breve a mulher de suas doidas afeições. As nuvens arqueavam-se negras sobre os outeiros, por entre os quais insinuava-se, louco de esperanças, o jovem adorador da filha dos palmares. (REIS, 1975, s/p)

A espera de Gastão por Épica ocorreu em uma cabana, no meio da mata virgem. Os segundos que antecederam a presença de Épica pareciam não ter fim, com frenesi e delírio, ele aguardava a amada, a mulher que idolatrava loucamente. Os ruídos e murmúrios que anunciavam, para Gastão, a aproximação de sua amada, prenunciavam, na verdade, a presença de um homem. Gastão é surpreendido pelo pai de sua amada, que angustiado e decidido a acabar de qualquer forma com o romance entre o jovem casal, revela a Gastão o segredo que mantivera guardado por toda a sua vida. Gupeva narra a Gastão o que acontecera com a mãe de Épica ao visitar a Europa e retornar ao Brasil, expondo ao jovem oficial a verdadeira filiação da bela indígena.

O pai da jovem indígena, Gupeva, relata ao oficial, Gastão, que na sua juventude e apaixonado pela mãe de Épica, ele sofreu com a separação e distância provocada por uma viagem à Europa: a jovem indígena teria cruzado o oceano como dama de companhia de Paraguaçu, todavia, o cacique tupinambá teria esperado, incessantemente, que a amada retornasse da Europa para o Brasil. Seguindo o relato, Gupeva conta que ele e Épica casaram-se em cerimônia religiosa, converteram-se ao Cristianismo, e que, ainda na primeira noite de casados, Épica ajoelhou-se aos pés de Gupeva pedindo perdão e revelando que teria se apaixonado por um homem francês, que era cristão, e que respondia por “Conde de”. Épica revelou, ainda, que estaria grávida e tinha sido abandonada pelo francês, que escolhera casar-se com uma mulher francesa e de origem nobre. Ao ouvir o relato de Gupeva e reconhecer o nome do conde francês, Gastão entra em desespero. Como descrito pelo narrador:

Ao nome do conde de ..., proferido pelo tupinambá um calafrio mortal percorreu os membros do jovem Gastão, que submergido em longas cogitações, ouvia a narração do índio: no fundo do coração despontava-lhe um tormento inqualificável. (REIS, 1975)

A vergonha levava a jovem Épica ao sepulcro, deixando ao Gupeva a tarefa de criar e zelar a menina que tinha em suas veias o sangue francês. Após revelar seu segredo ao jovem



oficial e certo de que vingaria a morte e a vergonha da pobre Épica, Gupeva desafia Gastão: “prepara para morrer, ou mata-me”. Para Gupeva, matar Gastão seria o ponto de partida para sua vingança, que teria sequência com o assassinato do conde francês. Contudo, desnortado, Gastão não se comove com a atitude de Gupeva, pois já se sentia amaldiçoado por sua própria existência. Assim segue essa passagem no romance:

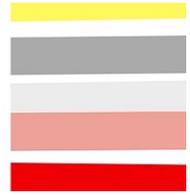
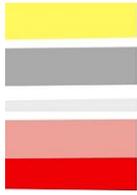
- Da minha vingança serás tu a primeira vítima, continuou o cacique; mais tarde o conde de ... – Eis-me, disse Gastão, interrompendo Gupeva, eu sou filho do conde de ..., não me reconheceste então? Oh! Eu sou francês, sou o filho do sedutor da vossa esposa, sou irmão de Épica... (REIS, 1975, n.p.)

O Conde de ... era o pai biológico de Épica e do jovem oficial. Depois de esclarecidos os fatos, Gupeva mata Gastão, cravando o tacape no peito do jovem moço, que agradece, nos últimos suspiros, por ter sua vida retirada, já que a morte lhe parecia mais agradável que a vida sem sua amada. O romance segue com a chegada de Épica ao local, que surpreendida com a cena do crime, acusa Gupeva de barbaramente ter matado o homem a quem tanto amava. Gastão, no leito de morte, revela à Épica que o amor entre eles era um crime, pois os dois eram irmãos. O romance de Maria Firmina tem como desfecho a trágica morte de Gastão; Épica – que se suicida ao lado do cadáver de seu amado; e, Gupeva, que delirando, é encontrado por Alberto e outros marinheiros, no dia seguinte, junto aos corpos e, pouco tempo depois, comete suicídio com seu tacape. A narrativa é encerrada com uma cerimônia religiosa de sepultamento, conduzida por Alberto, que ao realizar as orações, é imitado pelos demais europeus e respeitado, silenciosamente, pelos indígenas presentes.

3.3 A estética romântica em *Gupeva*

Algumas considerações sobre a presença de elementos constituintes da estética romântica na narrativa *Gupeva* mostram o engajamento da autora no contexto da época, e, principalmente, auxiliam o leitor na compreensão mais profunda desta obra de Maria Firmina. Enfocam-se, nesta interpretação, alguns dos aspectos apontados em relação ao Romantismo e procura-se esclarecer o modo como se apresentam em *Gupeva*.

O sentimentalismo e o subjetivismo são características que marcam o estado de espírito das personagens, ultrapassam o texto e alcançam o leitor, de modo único. Presente em



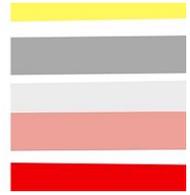
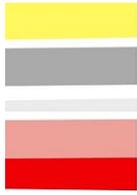
toda obra, há uma propagação de sentimentos, tanto dos jovens enamorados, como das personagens indígenas, que sofrem com angústia, separação e frustração de terem suas vidas ameaçadas pelo europeu. Ressalta-se o sentimentalismo de Gastão, o jovem mancebo que sofre como o Werther, de Goethe, por um amor nutrido em seu coração e mente, no entanto, repleto de barreiras, que o torna inalcançável. Como evidenciado a seguir:

Não haverá aí um só homem, que tenha sentido em seu coração o fogo dum primeiro amor, que não adivinhe o doce meditar desse mancebo de coração ardente, e alma apaixonada. Gastão aspirava os perfumes do céu, embalava-se nas fagueiras esperanças dum amor sem limites. Depois de tudo isso a morte; porque o gozo, que semelha aos dos anjos, teria então passado. Assim pensava o moço francês, e esse pensamento não podia ser um erro. Errar por muito tempo, entre amor e a sepultura, é um tormento inqualificável, é morrer sem esperança de salvação da alma, é a tortura da idade média não adoçada pelo cutelo do algoz. Gastão pois pensava bem; e qualquer outro em idênticas circunstâncias pensava como ele. Do mundo o moço só almejava uma coisa, uma somente, do mundo ele só queria aquela mulher, que ele aguardava com frenesi, aquela mulher que ele amava com delírio, que idolatrava loucamente. Por ela Gastão daria toda sua vida, todo o seu sangue, sua alma, seu sossego, toda sua felicidade de um futuro, que se lhe antolhava risonho. (REIS, 1975)

A evasão ou escapismo, ora marcado pela fuga do tempo, que recria uma memória agradável, ora por espaço, buscando paisagens ermas, caracteriza a imaginação, o devaneio das personagens diante da realidade. No fragmento que segue, este artifício romântico é usado para refletir sobre os sentimentos de Gastão:

O amor, nessa idade é uma emanção do céu, é um concerto divino, noite e dia a vibrar no coração do homem; e ao som desse dulcíssimo concerto, a mente exalta-se, e vai tocar ao infinito, bebe deleites, que purificam a alma; sonha enlevos virtuosos; goza mimos de um sentir indefinível, desses que o mundo só concede uma vez, desses que só no viver dos anjos se goza eternamente. Ah! Se o homem pudesse em toda a sua vida amar assim tão pura, e santamente, com esse amor que então animava o coração do jovem Gastão, para que havia Deus, criar um outro céu, criar outras delícias para os seus escolhidos? O céu seria o mundo, e nós os bem aventurados. Mas, mesquinhos, e míseros filhos de Adão, essa hora de mágicos enlevos, não a tornareis achar!...esse oásis que vos deleitou desapareceu para sempre. (REIS, 1975)

Os românticos tinham na idealização a perspectiva mais importante para a configuração do mundo, mostrando amores e pessoas perfeitas. Assim, em *Gupeva*, a figura de Épica é idealizada, sendo colocada em um nível superior ao das mulheres europeias. Com uma linguagem ornada, Épica é retratada como o “anjo” da vida de Gastão, perfeita física e



psicologicamente. É o que mostra o trecho abaixo, em que Gastão fala sobre Épica ao amigo Alberto:

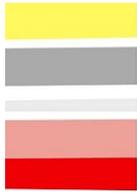
É impossível, Alberto. Impossível, meu amigo. Oh! Se soubesses... Alberto, eu a tenho aqui no coração. É ela a mulher dos meus sonhos de adolescência, é a visão celeste, e arrebatadora da minha infância, é o anjo que presidiu o meu nascimento. Alberto, quem a poderá resistir? Louco o que a vendo possa deixar de amá-la; louco o que a conhecendo não lhe render eterna vassalagem. Anjo na beleza, e na inocência, anjo na voz, nas maneiras, é ela superior às filhas vaporosas da nossa velha Europa. (REIS, 1975)

Ao longo de toda a narrativa, a mata selvagem, a terra querida e a natureza exuberante são exaltadas. O nacionalismo é cultuado e exposto a partir da descrição das praias, do entardecer, da caracterização dos indígenas:

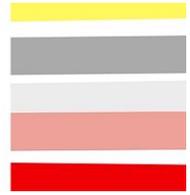
Era pois como dissemos, uma bela tarde de agosto, e dessa encantadora tarde gozavam com delícia os habitantes da Bahia, nessa época bem raros, e ainda incultos, ou quase selvagens. O disco do sol amortecido em seu último alento beijava as enxárcias dum navio ancorado na Baía de Todos os Santos, a cuja frente eleva-se hoje a bela cidade de S. Salvador, e afagava mansamente as faces pálidas dum jovem oficial, que à hora do crepúsculo, com os olhos fitos em terra parecia devorado por um ardentíssimo desejo, por um querer que a seu pesar lhe atraía para onde quer que fosse todos os sentimentos da alma. (REIS, 1975)

O indígena, como no mito do “bom selvagem” de Jean-Jacques Rousseau, vive em harmonia com seu povo, em seu estado primitivo e de bondade natural em que considera os sentimentos sublimes. Contudo, vale ressaltar que a literatura indianista produzida por Maria Firmina dos Reis, considera o indígena além da visão europeia, que foi construída à base da importação da figura do indígena brasileiro. Em *Gupeva* o indianismo ideológico é substituído pela realidade humana do indígena. O caráter, a pureza, a benevolência e o heroísmo são próprios dos indígenas, que ao terem contato com o homem civilizado, o europeu, em *Gupeva*, tem sua vida inserida em desequilíbrio e sua cultura ameaçada. Assim discorre o narrador:

Este mancebo índio era filho de um irmão do velho cacique, e seu íntimo amigo. Destinado desde a infância para esposo de Paraguaçu, este mancebo nunca pôde amar, nem tampouco inspirar-lhe o amor. Entretanto Paraguaçu era bela! Ele amava perdidamente sua jovem parenta: Épica era mulher se suas doidas afeições, porém esse amor puro como a luz da estrela da manhã estava todo cuidadosamente guardado no santuário do seu coração; uma palavra, um gesto, não havia maculado ainda a pureza desse sentir mágico, e deleitoso. Épica era pura, e inocente, como a



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



pomba, que geme na floresta, seu coração conservava ainda o descuido enlevador dos dias da infância. Oh! Ela era como açucena à margem do regato. (REIS, 1975)

Um emaranhado de sentimentos contorna o romance *Gupeva*. A angústia pela busca incessante de uma relação amorosa; a dor de uma realidade que impõe circunstâncias intransponíveis, que impedem a concretização deste amor; a preferência pela ruína e a morte como solução para as desventuras da vida são descritas na narrativa, de forma singular. Contudo, com um olhar mais cuidadoso, percebe-se que a obra de Maria Firmina dos Reis revela uma posição ideológica que vai além de uma estória de amor com final trágico.

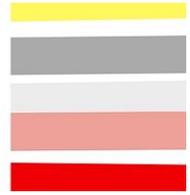
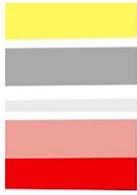
A temática indianista aparece na literatura brasileira, de acordo com Afrânio Coutinho (2004, p.80), em pelo menos quatro momentos distintos. Ocorre com o primeiro indianista Anchieta, em 1554, século XVI; segue com Basílio da Gama e Santa Rita Durão, no século XVIII; no século seguinte com Gonçalves Dias e seu grupo, Machado de Assis e Olavo Bilac; no século XX, com o grupo “Anta”, no “Antropofagia”, em *Macunaíma*, com Plínio Salgado, Oswald de Andrade e Mário de Andrade. O indígena foi abordado na literatura por prismas diferentes: como barroco, era uma forma irregular a ser moldada pela catequização; arcádico, o indígena foi motivo histórico na celebração e exaltação épica brasileira; como romântico, deu causa ao nacionalismo, passando a ser símbolo manifesto dessa literatura.

Maria Firmina dos Reis, assim como Gonçalves Dias, abordou o indígena em sua literatura não como um artigo de ornamentação importado da Europa, mas como a própria substância da narrativa. *Gupeva* retrata a forma violenta de desapropriação cultural, social, de crenças e territorial, que o indígena sofreu no Brasil colonial, muito embora, esses elementos estivessem envoltos em uma estória de amor entre uma indígena e um português. Os conflitos da narrativa foram construídos sobre os elementos constituintes da realidade do processo de colonização: preconceito, diferença de classes, ganância, a violência sexual, mandonismo, luta pelo poder e expansão territorial.

As personagens românticas de *Gupeva* simbolizam a complexidade das relações sociais e as diferenças existentes entre as culturas e povos. A literatura dialoga com a história. Assim, o sentido heroico, o culto à lealdade e a beleza moral do indígena – que tem sua vida invadida por uma nova formação social é obra literária e não deixa de ser identidade nacional da vida brasileira.

A temática religiosa está presente na obra de Maria Firmina como um alinhamento para a formação cultural, de caráter e retidão na construção das personagens, muito embora,

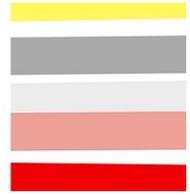
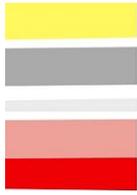
O ROMANTISMO EM GUPEVA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS:
UMA LEITURA HERMENÊUTICA



uma personagem que não se faz presente na narrativa, mas é citado, “o conde de...”, seja cristão e tenha agido de má fé e contra os princípios religiosos ao engravidar e abandonar a indígena brasileira. Dessa maneira, há um contraponto em relação à idoneidade religiosa da personagem cristã, que se apresenta como tal e age contra os princípios da Igreja. Percebe-se, de igual modo, o processo de aculturação religiosa existente com a chegada dos portugueses ao Brasil e a catequização dos gentios. Sobre a questão religiosa, vale ressaltar ainda, o fato de Gupeva converter-se ao cristianismo, acompanhando e aceitando as regras da religião cristã. Já, Épica e os demais indígenas rejeitam e amaldiçoam a religião e o cristão, que seduzira e enganara a indígena, ao se decepcionarem com a prática subversiva de “o conde de...”. A narrativa de Firmina é regida por ritos religiosos, como o casamento entre Gupeva e Épica e o sepultamento de Gupeva, Épica e Gastão, evento que afirma a presença, poder e a importância que a religião cristã representava naquele período. A prática e imposição religiosa também explicitam o desrespeito, a aculturação e a reeducação a que os indígenas foram submetidos durante o processo de colonização, cujas consequências se refletem até hoje nos modos de organização e socialização de seus povos.

No romance *Gupeva*, dentre outras questões, é abordada a relação incestuosa entre os irmãos Gastão e Épica. Como documentos históricos que são as obras literárias permitem que se conheça a complexidade das relações amorosas e sexuais transcorridas em outros tempos. Dessa forma, é possível, que os leitores, reconstruam as visões de mundo e de relações sociais pertencentes ao passado. O incesto, em sentido amplo, é compreendido como relação sexual entre parentes, consanguíneos ou afins. Historicamente, as relações incestuosas são concebidas como fonte de anomalias genéticas e vinculadas às proibições religiosas e culturais. Os laços incestuosos geram preconceito e repugnância por parte da sociedade, muito embora, haja registros desde as civilizações clássicas deste tipo de relação tanto em fatos reais quanto fictícios.

O romance *Gupeva*, ao abordar a temática do incesto entre irmãos, expõe patentemente a organização social no período em que a Nação brasileira se formava. O fato de o romance ter como desfecho a trágica morte das personagens principais postula que a prática incestuosa causa a desordem e o desequilíbrio nas relações sociais, amorosas e sexuais, como relatado pelo romance e, conseqüentemente, representa, através do prisma da autora de *Gupeva*, as relações sociais do Brasil colonial.



O estabelecimento de relações entre literatura e história, ficção e realidade é uma inesgotável fonte para o estudo e a compreensão das questões humanas e sociais. As obras literárias, através dos tempos, têm tido a função de registrar e recontar histórias de relações incestuosas. A tragédia grega, por exemplo, conhecida por vários povos e diferentes gerações, e que deu origem a outras tramas fictícias, narra a vida de Édipo, que além de uma personagem da mitologia grega é, também, uma das tragédias mais emblemáticas do teatro da Grécia. Escrita por volta de 427 a.C. pelo dramaturgo Sófocles (496-406 a.C.), Édipo Rei é enredada pela maldição que Édipo recebe dos deuses: matar seu pai e casar-se com sua mãe. De igual natureza, outras obras abordam a temática do incesto, contudo, a grande maioria tende a falar sobre as relações entre pais e filhos, não sendo o caso de *Gupeva*, que relata o amor entre irmãos. A temática do incesto está presente na literatura brasileira e portuguesa do século XIX, em Machado de Assis, com a obra *Helena* e em Eça de Queirós, com o clássico *Os Maias*.

4 Considerações finais

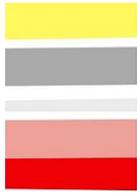
Maria Firmina dos Reis oferta ao leitor um lugar privilegiado no romance, não para uma simples leitura de sua obra, mas um local em que o leitor possa viver na história, sentir cada uma das emoções, paixões, anseios e lágrimas que o enredo descreve. O amor é perfeito, divino; a natureza é paradisíaca; o indígena é humano, é herói, sofre, ama, sente frustração, vergonha, teme sua desonra. *Gupeva* aborda a temática indianista a partir da “pele” daquele que foi destituído de sua cultura, crença, valores e terras. A obra de Maria Firmina é um documento histórico que recebe o tratamento estético do romantismo. Desta forma, a obra indianista da romancista maranhense que viveu no século XIX, em nada deixa a desejar se comparada aos escritores homens, canônicos. A posição ocupada pela autora em relação à estética romântica significa que ela estava acompanhando, retratando e refletindo sobre a ideologia e a visão de mundo predominante no século em que viveu.

Referências

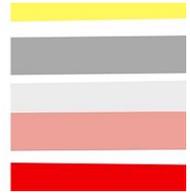
AGUIAR E SILVA, V. M. de. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 2009.

BLEICHER, J. *Hermenêutica contemporânea*. Lisboa: Edições 70, 1980.

O ROMANTISMO EM GUPEVA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS:
UMA LEITURA HERMENÊUTICA
Afluente, UFMA/Campus III, v.3, n. 8, p. 46-61, mai./ago. 2018 ISSN 2525-3441



AFLUENTE:
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



- BOSI, A. A interpretação da obra literária. In: _____. *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideologia*. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2003.
- CITELLI, A. *Romantismo*. São Paulo: Ática, 1986.
- COUTINHO, A.; COUTINHO, E. F. *A literatura no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. v. 3.
- GOMES, A. C.; VECHI, C. A. *A estética romântica: textos doutrinários*. Tradução de Antônia Simões Nunes. São Paulo: Atlas, 1992.
- GRONDIN, J. *Hermenêutica*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- GUINSBURG, J. Romantismo, historicismo e história In: GUINSBURG, J. (Org.). *O romantismo*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- MORAES FILHO, J. N. *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*. São Luís: COCSN, 1975. Não paginado.
- PALMER, R. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- REIS, M. F. dos. *Úrsula*. 4. ed. PUC/Florianópolis-Minas Gerais: Mulheres, 2004.

Recebido em: 4 de maio de 2018.
Aprovado em: 6 de julho de 2018.